

**Parto humanizado como enfrentamento a violência obstétrica:
um estudo das redes sociais utilizadas
pelo grupo cirandeiras em Vitória da Conquista – BA**

*Humanized childbirth as confrontation with obstetric violence:
a study of the social networks
used by the group cirandeiras in Vitória da Conquista – BA*

Caroline Pimenta de SOUZA¹
Aline Pinto LUZ²

Resumo

Compartilhar. Desde lembranças tristes a dicas e informações de apoio ao parto humanizado e a maternidade ativa. Essa é a proposta do Cirandeiras. Um grupo de encorajamento de Vitória da Conquista que amplia o alcance das discussões por meio do Facebook. Este artigo objetiva analisar a contribuição do Cirandeiras no combate à violência obstétrica através da rede social. Para isso, é feita uma discussão sobre violência de gênero e sobre as agressões físicas e psicológicas, que marcam a memória de muitas mulheres sobre a hora do parto. Esse estudo mostra como o diálogo, mesmo que no ambiente virtual, corrobora para a superação de traumas e sofrimentos e ainda tem o poder de transformar a realidade, construindo cidadãos mais críticos.

Palavras-chave: Violência de gênero. Violência obstétrica. Redes sociais. Empoderamento.

Abstract

To share. From sad reminders to tips and information to support humanized childbirth and active motherhood. This is the proposal of the Cirandeiras. An encouragement group from Vitória da Conquista that extends the scope of the discussions through Facebook. This article aims to analyze the contribution of the Cirandeiras in the fight against obstetric violence through the social network. For this, a discussion is made about gender violence and about the physical and psychological aggressions that mark the memory of many women about the time of childbirth. This study shows how

¹ Especializanda em Comunicação e Marketing em Redes Sociais na Faculdade de Tecnologia e Ciências em Vitória da Conquista-BA. E-mail: carolinepimentasz@gmail.com

² Mestre em Comunicação Social. Coordenadora de Pesquisa da Faculdade de Tecnologia e Ciências em Vitória da Conquista –BA. E-mail: apluz.vic@ftc.edu.br

dialogue, even in the virtual environment, corroborates the overcoming of traumas and sufferings and still has the power to transform reality by building more critical citizens.

Keywords: Violência de gênero. Obstetric violence. Social networks. Empowerment.

Introdução

Um momento marcante na vida de qualquer mulher. Um momento esperado, planejado. Durante 9 meses, carregando um bebê dentro do ventre, a mulher se transforma. E a mudança não acontece só no corpo, no físico. Estende-se para o psicológico, para a forma de ver o mundo e de se enxergar. O ponto mais alto dessa transição é o parto. Nessa hora, não é só o filho que a mulher vai expelir e dar vida. No nascimento do bebê, a mulher expõe uma série de sentimentos e receios que ela carregava dentro de si e dá luz a uma nova identidade: a de mãe.

A maioria das mães guardam memórias fieis desse momento. As dores, as emoções e a expectativa de ver o rostinho do(a) filho(a) pela primeira vez. Mas, infelizmente, muitas mulheres não guardam lembranças agradáveis desse episódio tão significativo e íntimo. Relatam que o tratamento desumano que receberam dos profissionais de saúde no hospital quebrou a magia e manchou a beleza do acontecimento. Foram ridicularizadas, tiveram direitos negados, desejos e escolhas ignorados, e sofreram agressões. Foram vítimas de um tipo de violência que existe há muito tempo, mas que ainda não é debatido com a intensidade que merece: a violência obstétrica.

Em confronto com esse problema e em apoio ao parto humanizado e a maternidade ativa, foi criado em Vitória da Conquista, na Bahia, um grupo, numa rede social, chamado Cirandeiras. Este artigo tem como principal objetivo analisar a página e a contribuição do grupo Cirandeiras para disseminação do parto humanizado.

Além disso, este estudo objetiva definir o que é violência obstétrica e como ela se manifesta; e ponderar sobre a relevância da divulgação do parto humanizado no combate a essa violência.

Dessa forma, a discussão da presente pesquisa se inicia com uma breve explanação sobre violência de gênero, visto que a violência obstétrica é assim configurada. Em seguida, a violência obstétrica torna-se o centro da abordagem, com o

intuito de se fazer compreender como ela se expressa na sociedade. Por fim, o debate se encerra tratando sobre o uso das redes sociais como ferramenta de divulgação, usando como exemplo o grupo Cirandeiros, refletindo sobre a importância desse meio para a propagação do parto humanizado.

Logo, esta pesquisa pode ser considerada, quanto ao conhecimento, como teórica empírica, visto que segundo Gerhardt e Silveira (2009), é o conhecimento que adquirimos no cotidiano, por meio de nossas experiências. É construído por meio de tentativas e erros num agrupamento de ideias.

Em relação à abordagem, este estudo foi qualitativo, pois ainda de acordo com Gerhardt e Silveira (2009), ele se preocupou com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Já quanto à natureza, o levantamento foi básico, que, segundo os autores citados anteriormente, objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais. Ou seja, apresentar novas abordagens e reflexões sobre um problema, sem necessariamente solucioná-lo.

“Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p.35). Se tratando dos objetivos, a pesquisa é explicativa, pois identifica alguns dos fatores que corroboram para que a violência obstétrica ocorra; descritiva porque foi necessário estudar e descrever as atitudes e procedimentos que ferem os direitos da mulher e da criança; e exploratória, visto que destaca a problemática.

Analisando os procedimentos utilizados para o desenvolvimento deste artigo, a pesquisa se caracteriza como, segundo Fonseca (2002), citado por Gerhardt e Silveira (2009):

- a) Pesquisa bibliográfica: Pois, “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”.
- b) Pesquisa de campo: Se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa.

- c) Estudo de caso: Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico.

Tendo sido desenvolvido de acordo com todos esses métodos, este artigo propõe então, uma análise sobre a violência obstétrica e destaca a importância da discussão dessa temática como enfrentamento e compartilhamento de conhecimentos e experiências, por meio das redes sociais.

1 Violência de Gênero

Modelo estabelecido cuja aprovação por consenso geral ou por autoridade oficial serve de base de comparação. Aquilo que serve de guia ou exemplo para nossas atitudes; O modo de ser que as pessoas criam ou fantasiam. Essas são duas definições do dicionário Michaelis (2018). A primeira se refere a palavra padrão, a segunda a molde. Foram escolhidas para introduzir a discussão porque fazem alusão ao comportamento da sociedade diante de uma gravidez. Antes mesmo de nascerem, as crianças são subdivididas em grupos. Logo que é diagnosticado o sexo do bebê, ele é enquadrado em uma classe, um gênero: masculino ou feminino.

A partir desse momento, a sociedade pressupõe então, atitudes e comportamentos que esse ser humano deve ter, por serem característicos do gênero ao qual ele foi classificado.

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 1989, p.7).

Dessa forma, há uma construção social do que é ser mulher, do que é ser homem e todo um conjunto de estereótipos, disseminados desde a infância que propagam uma cultura patriarcal e machista. Uma hierarquia, na qual os seres humanos enquadrados no gênero masculino, os homens, recebem privilégios e maior espaço na sociedade. Enquanto, as mulheres são inferiorizadas e tidas como incapazes de realizar diversas atividades.

[A construção social do gênero] se processa pela atribuição dicotômica e hierarquizada de predicados aos sexos, em cuja bipolarização não apenas são opostas qualidades masculinas às femininas, mas estas são inferiorizadas: racional/ emocional, objetivo/ subjetivo, concreto/ abstrato, ativo/ passivo, força/ fragilidade, virilidade/ recato, trabalho na rua/ no lar, público/privado. O polo ativo é representado pelo homem-racional-ativo-forte-guerreiro-viril-trabalhador-público, o polo passivo é representado pela mulher-emocional-passiva-fracá-impotente-pacífica-recatada-doméstica. (ANDRADE, 2004 *apud* LIMA, 2012, p.8. GRIFO DO AUTOR.).

Nessa classificação, o homem recebe o papel de dominador e a mulher de submissa. Diversas demonstrações de poder podem ser notadas nas relações sociais ainda nos dias de hoje. A violência é uma dessas manifestações.

O termo violência de gênero é utilizado por vários estudiosos, como Nery e Vasconcelos (2012, p.12), para se referir aos atos de violência sofridos pelas mulheres pelo simples fato de serem mulheres e serem incluídas no arquétipo de “fêmea”:

Esse tipo de violência é praticado contra pessoa do sexo feminino, apenas e simplesmente pela sua condição de mulher, a qual revela as desigualdades socioculturais existentes entre homens e mulheres construídos ao longo da história, criando uma relação pautada na desigualdade, na discriminação, na subordinação e no abuso de poder. (NERY, VASCONCELOS, 2012, p.12).

Mas, com o passar do tempo, o conceito de violência de gênero tornou-se mais amplo. Não se limitando apenas a violência à mulher, mas abrangendo outros membros da sociedade que também são vítimas do machismo. Segundo Saffioti (2001, p.1), Violência de gênero é o conceito mais amplo abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. E vários pesquisadores, usam esse termo “guarda-chuva”, proposto por Saffioti, ao abordarem esse tipo de violência, como Ferreira; Terso (2014, p.7), Vasconcelos, Nery (2012, p.5), Machado (2013, p.22) e Berger e Giffin (2005, p.418).

Contudo, as mulheres são as que mais sofrem com esse tipo de violência que pode se manifestar de diversas formas: física, moral, psicológica, sexual, patrimonial/econômica e obstétrica. E é sobre essa última que discutiremos neste artigo.

1.1 Violência obstétrica

O parto, sem dúvida, é um momento inesquecível na vida de uma mulher. Segundo o levantamento histórico feito por Ligia Moreiras Sena (2016), no passado, o parto era um episódio íntimo, compartilhado apenas com uma parteira e com outras mulheres próximas da gestante, dentro do próprio lar.

Com os avanços tecnológicos e científicos, a hora do parto se tornou um processo cirúrgico, realizado por profissionais “habilitados” e capazes de ministrar as novas ferramentas hospitalares e os medicamentos.

Se por um lado, essa mudança cultural objetivava proporcionar uma maior segurança a saúde do bebê e da parturiente, por outro, deixou as mulheres em uma situação embaraçosa, expostas e imunes a pessoas desconhecidas, num ambiente isolado.

Das mulheres parteiras, curandeiras e comadres, antes detentoras universais do saber referente à gestação, ao parto e ao puerpério, tendo sido difamadas como sujas e maltrapilhas figuras que perambulam pelas cidades de posse de sua credence, o parto passou a ser objeto de posse e valor dos homens médicos da ciência. E a mulher gestante? Esta passou a ser elemento quase figurativo na cena de parto, vista como receptáculo e tratada como mercadoria, sendo o bebê saudável o produto a ser vendido pela indústria do nascimento, fruto do processo de medicalização do parto. (SENA, 2016, P. 41).

Além do constrangimento, as autoras Sena, Lígia (2016, P.45); Rodriguez, Maria de Jesus (2016, P.40); Salgado, Heloisa (2012, P. 89) discorrem que muitas mulheres relatam a experiência do parto como decepcionante, pelo momento não ter ocorrido como planejado e idealizado durante o pré – natal e terem sofrido maus tratos. Algumas desejavam ter parto normal e acabaram tendo uma cesariana. Outras tiveram não só as escolhas ignoradas, como direitos negados. Dentre eles, o de ter um acompanhante, garantido pela lei 11.108 da Constituição Federal: “Os serviços de saúde do Sistema Único de Saúde - SUS, da rede própria ou conveniada, ficam obrigados a permitir a presença, junto à parturiente, de 1 (um) acompanhante durante todo o período de trabalho de parto, parto e pós-parto imediato”.

As entrevistadas das pesquisas consultadas também queixaram da falta de informação nos hospitais. Não sabiam o que estava sendo feito no próprio corpo, nem

quais medicamentos estavam sendo aplicados. Não eram comunicadas e não recebiam nenhuma explicação sobre as intervenções. Maria de Jesus (2016, P.51) destaca que:

(...) considera-se dever do profissional de saúde fornecer subsídios para embasar as decisões do usuário. Desta forma, prestar informações claras acerca do cuidado é uma condição imprescindível para manter a liberdade, dignidade da parturiente, neste caso das mulheres no trabalho de parto e parto.

Contudo, muitas mulheres se sentiram tratadas como objetos ou até mesmo ratos de laboratório. Manuseadas sem autorização, passaram por uma série de procedimentos invasivos e violentos, sem saber se as intervenções eram mesmo necessárias, como lista Heloísa Salgado(2012, P28): aceleração artificial do parto por meio do uso rotineiro de ocitocina, da rotura artificial das membranas, do descolamento manual das membranas, da redução manual do colo, e da manobra de Kristeller (pressão fúndica).

A gravidade do problema se torna ainda maior, visto que muitas mulheres afirmam ter sido proibidas de expressarem dor, chantageadas e mal tratadas por meio de xingamentos, humilhações, gritos e agressões. De acordo com dados apresentados por Heloísa Sagado (2016, P88), da pesquisa mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado brasileiros/ Gravidez, filhos e violência institucional no parto, realizada pela Fundação Perseu Abramo, cerca de 1 em cada 4 mulheres (23%) ouviu de algum profissional algo como: “não chora que ano que vem você está aqui de novo” (15%); “ na hora de fazer não chorou, não chamou a mamãe” (14%); “se gritar eu paro e não vou te atender” (6%); “se ficar gritando vai fazer mal pro neném, ele vai nascer surdo” (5%).

Estudiosos passaram a analisar a situação, ouvindo vítimas e nomearam esse conjunto de práticas abusivas como violência obstétrica:

A violência obstétrica é expressa desde a negligência na assistência, discriminação social, violência verbal (tratamento grosseiro, ameaças, reprimendas, gritos, humilhação intencional) e violência física (incluindo não utilização de medicação analgésica quando tecnicamente indicada), até o abuso sexual. Também o uso inadequado de tecnologias, intervenções e procedimentos desnecessários frente às evidências científicas, resultando numa cascata de intervenções com potenciais riscos e sequelas, podem ser considerados como práticas violentas. (D'OLIVEIRA ET AL., 2002 *apud* SENA, 2016, P.226).

Como debatido pelos autores, a violência obstétrica se manifesta de várias formas e por vários agentes. Não se limitando a mesa do parto, mas sendo notada da recepção até a saída do hospital. Hoje, há um grupo de enfrentamento em todo o mundo, que reúne depoimentos e compartilha informações, empoderando as mulheres a não se calarem diante da violência sofrida.

O movimento contra a violência obstétrica no Brasil é derivado das críticas crescentes que os diferentes grupos vêm fazendo a respeito da assistência ao parto no país, sendo considerado como um “movimento em prol da humanização do parto e nascimento”, que envolve diversos profissionais e instâncias da sociedade. Tal movimento se baseia no reconhecimento da participação ativa da mulher e de seu protagonismo no processo de parto, com ênfase nos aspectos emocionais e no reconhecimento dos direitos reprodutivos femininos (DOMINGUES ET AL., 2004; DINIZ, 2005 *apud* SENA, 2016, P.42).

Essa luta foi abraçada por mulheres aqui de Vitória da Conquista, na região Sudoeste da Bahia. Um grupo foi criado no Facebook, intitulado Cirandeiras, que propõe apoio ao parto humanizado e à maternidade ativa. Fizemos uma análise da página para saber a contribuição dela no enfrentamento a violência obstétrica, considerando as possibilidades que o site oferece.

2 Redes sociais como ferramenta de divulgação

Antes de refletirmos sobre a página do Cirandeiras, é importante debater sobre a rede social na qual o grupo se mantém. Nos dias de hoje, quando usamos o termo rede social, vem logo em mente, sites como Facebook, Twitter, Instagram. A associação não está equivocada, mas vale esclarecer que a expressão rede social não se resume apenas ao uso dessas mídias sociais, como explanam Moreira e Januário (2014, p.73):

As redes sociais não são um fenômeno recente, nem tão pouco surgiu com a web, sempre existiram na sociedade, motivadas pela necessidade que os indivíduos têm de partilhar entre si conhecimentos, informações ou preferências.

Porém, como afirma Recuero (2009) *apud* Moreira e Januário (2014, p.73), as mais recentes descobertas tecnológicas, que propiciaram o surgimento do ciberespaço, permitiram a sua emergência como uma forma dominante de organização social.

Desse modo, o uso que as pessoas fazem desses mecanismos, a interação que constroem entre si, os laços que estabelecem é que expandem algumas mídias sociais a redes sociais. Mas, o que são redes sociais? Em uma definição simples, são agrupamentos de pessoas que dividem algo em comum, sejam interesses, características, vivências, problemáticas, e estão conectadas no ambiente real e/ou virtual.

Os usuários de uma mídia social geralmente compartilham algo em comum - pessoal ou profissional - com os demais membros da rede, com convivência apenas no espaço virtual ou também no espaço real. Mas o cerne dessas conexões é que as pessoas escolhem participar de redes que agrupam pessoas de hábitos, características ou condições semelhantes às suas. (BARROS, JÚNIOR; 2017).

Existem vários tipos de redes sociais. No mundo real, há por exemplo a família, os amigos, colegas de trabalho, seguidores de uma doutrina, praticantes de uma atividade física e vários outros grupos. No mundo virtual, há redes de relacionamento, de entretenimento, profissional. São classificadas de diversas formas, segue abaixo uma tipificação de Recuero (2009) *apud* Santinello e Versuti (2014, p.186):

(...) os sites de redes sociais são espaços virtuais resultantes das apropriações realizadas pelos atores sociais de ferramentas comunicacionais mediadas pelo computador, e os atores sociais que usam esses sites são os que constituem as redes. Se assim não fosse, essas vias seriam apenas sistemas. A autora divide os sites de redes sociais em duas categorias: os propriamente ditos e os apropriados.

Seguindo o pensamento de Recuero, os “propriamente ditos” seriam os sites criados para expor as redes sociais, as relações dos usuários, e proporcionar a criação de novas conexões, como o Orkut, o Facebook. Já, os “apropriados”, seriam os espaços virtuais que não foram construídos com essa finalidade de divulgar as redes sociais, mas que as pessoas passaram a utilizá-los com esse objetivo, o fotolog e o twitter são exemplos. Neste artigo, vamos centrar a análise do Facebook, visto que é a plataforma do nosso objeto de estudo.

Criado em 2004 por um grupo de jovens Universitários de Harvard (Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris

Hughes), visava criar um espaço no qual as pessoas se encontrassem, compartilhassem opiniões e fotografias visando, no início criar uma rede de comunicação apenas para os estudantes da própria Universidade. Todavia, em poucos meses a rede expandiu-se entre as universidades americanas, conectando jovens de mais de 800 instituições (ARRINGTON, 2005 *apud* AMANTE, 2013, P.29).

Com o passar dos anos, o Facebook seguiu uma crescente e hoje é a maior rede social do planeta. Em 2017, atingiu 2 bilhões de usuários, de acordo com o site Marketing de conteúdo. São 139 milhões de brasileiros acessando a rede social. O país é o terceiro principal usuário, atrás apenas de Índia e Estados Unidos, segundo publicação do Blog de Marketing Digital de Resultados.

Mas, o que atrai as pessoas a essa mídia social? A diversidade de ferramentas é uma das respostas dessa pergunta. O Facebook oferece uma série de aplicações que auxiliam no relacionamento entre os usuários, na construção e manutenção de amizades, no acesso à informações e até mesmo, na execução de negócios.

As pessoas sempre se relacionaram em redes, mas com o advento da internet foram apresentadas a novos modos de interagir, que as aproximam com maior rapidez, permitindo estabelecer laços sociais com um número maior de pessoas, independentemente de sua localização geográfica. Assim, as ferramentas da *web* podem ser grandes aliadas, tanto na exposição de informações quanto proporcionando espaços colaborativos e interativos entre as pessoas (...). (BARROS; JÚNIOR, 2017).

Dentre todas as funcionalidades do Facebook, destacam-se os grupos, redes sociais ainda mais delimitadas. Usuários com algum interesse em comum podem realizar discussões e compartilhar conteúdos de forma privada ou não, possibilitando assim, uma troca de opiniões e conhecimentos, destacada por Barros e Júnior (2017):

A aprendizagem, nas redes, é desenvolvida em grupo, de modo a fortalecer os vínculos entre seus componentes e, sobretudo, ampliar o poder de decisão dos vários nós que as constituem. As redes possibilitam organizar as comunidades a fim de buscar melhorias nas condições de suas vidas, que podem ser concretizadas na perspectiva de promover apoio social e compartilhamento de experiências que podem dar importante contribuição no processo de construção de grupos de ajuda mútua.

O Cirandeiras, por exemplo, é um grupo do Facebook que reúne usuários em prol do apoio ao parto humanizado e maternidade ativa. Até a construção desta pesquisa 18/07/18, a página tinha 1.554 membros e 8 administradores/ moderadores.

Figura 1 - Grupo Cirandeiras no Facebook



Fonte: Facebook (2017)

Vale ressaltar, que nem todos os integrantes são mulheres e moradores de Vitória da Conquista. Homens e pessoas de outras cidades também acompanham as publicações. Como o grupo é público, mesmo aqueles que não participam do movimento, podem visualizar o conteúdo compartilhado no mural.

A internet favorece ainda o desenvolvimento da autonomia dos usuários, dando características de auto-organização, que os leva a constituir práticas coletivas, criando uma coesão entre eles, construindo novas realidades e produzindo algo que não existia antes. Com o empoderamento por meio das informações adquiridas, tornam-se sujeitos atuantes, questionadores e reflexivos, encorajados a fomentar o debate sobre suas vivências. Nesse universo, o aparecimento das narrativas compartilhadas se lança numa conversação agrupada com a consciência que estão a participar de uma história única, porém múltipla. A narrativa compartilhada é sempre permeada de histórias paralelas que se alastram no ciberespaço (MALINI, 2010, apud BARROS;JÚNIOR, 2017).

Durante a análise do grupo, realizada em maio de 2018, do dia 01 ao dia 31, foi possível notar que não há uma periodicidade definida e nem um planejamento das publicações. A média semanal de publicações foi de 2,6, ou seja, variando entre 2 a 3 posts. Os posts são feitos tanto pelos administradores da página quanto pelos membros e

se baseiam em mensagens de empoderamento; relatos; informações sobre gravidez, parto, maternidade, cuidados mãe/bebê, amamentação; divulgação de oficinas e cursos relacionados aos interesses; e convites para a roda de conversa do grupo que é realizada toda quinta – feira no pavilhão de aulas da Universidade Federal da Bahia, campus Anísio Teixeira. A maioria dessas publicações é de fotos, mas também são compartilhados vídeos e links de notícias.

Apesar dessa diversidade de conteúdo, a interação na página em si não é tão expressiva. Dentre as ferramentas interativas oferecidas pelo Facebook, curtir, comentar e compartilhar, a mais usada é a curtir. Os posts têm pouquíssimos comentários e compartilhamentos. Recuero (2014, p.122) acredita que, com menos engajamento dos usuários nas práticas conversacionais, menos capital social é gerado, menos grupos sociais emergem e possivelmente, haja um esvaziamento do valor social da ferramenta. É um risco, portanto, presente para a interação.

As postagens abaixo foram as que tiveram maior sucesso durante o intervalo de tempo observado:

Figura 2 - Notícia sobre fotos de parto



Fonte: Facebook (2017)

A notícia da figura 2 chegou a gerar um compartilhamento e comentários de uma grávida que desejava ter um parto humanizado e queria informações das outras integrantes, como demonstrado na figura 3.

Figura 3 - Questionamento



Fonte: Facebook (2017)

O post da figura 4 é uma foto que possui como legenda o relato da experiência de uma mulher enquanto mãe.

Figura 4 - Maternidade real



Fonte: Facebook (2017)

Posts assim têm uma grande contribuição, como concluem Barros e Júnior (2017):

Contar a própria história ou de outras pessoas é um meio de criar diálogos, promover autoconhecimento e permitir o compartilhamento de experiências atravessadas por traumas, medos, dúvidas de pessoas que enfrentam uma situação dramática. Construir histórias através do compartilhamento com seus pares pode contribuir na construção de uma história coletiva.

A publicação teve 14 curtidas e algumas participantes do grupo comentaram, aprovando o texto, conforme mostra figura 5.

Figura 5- Comentários



Fonte: Facebook (2017)

Por último, na figura 6 traz-se essa outra foto que apresenta sugestões dos trajes que devem ser colocados nos bebês, de acordo com a temperatura. Ela teve 5 curtidas, 3 compartilhamentos e nenhum comentário.

Figura 6 - Informação



Fonte: Facebook (2017)

O que constatamos, após esse mês de acompanhamento da página, analisando as postagens e a interação dos integrantes, é que o Cirandeiras realmente atinge o objetivo inicial: funciona como divulgador do parto humanizado. Contudo, de forma limitada. As pessoas que fazem parte do grupo parecem interessadas e anseiam por novas informações. Mas, os administradores da página não correspondem a esse desejo. Acreditamos que isso ocorra pelo fato dos organizadores não disporem de um profissional capacitado para executar essa função e se dedicar à construção e manutenção dos diálogos. O Cirandeiras possui um potencial gigantesco de engajamento que precisa ser desenvolvido para que cada vez mais pessoas conheçam o parto humanizado.

Considerações finais

Após esse breve estudo, podemos concluir então, que o grupo Cirandeiras é uma demonstração do poder construtivo, da capacidade que as redes sociais têm de unir as pessoas em prol de uma causa que resulte num bem comum. Todos podem se expressar e ao disseminar um determinado ponto de vista, um depoimento ou até mesmo dados que teve acesso, o usuário se torna também educador e incentiva o outro a pensar sobre

aquilo. Para Moreira e Januário (2014, p.74), as redes sociais representam ambientes intelectuais, culturais, sociais, e psicológicos que facilitam e sustentam a aprendizagem, enquanto promovem a interação, a colaboração e o desenvolvimento de um sentimento de pertença dos seus membros.

O que foi notado durante a análise da página, é que a contribuição do Cirandeiros pode ser ainda maior. A página hoje é usada, de forma majoritária, para a divulgação da roda de conversa presencial. Mas, pode e deve ir bem mais além. Para isso, um plano de marketing pode ser útil ao aumentar a quantidade de publicações durante a semana, ao selecionar conteúdos que são de interesse do público alvo e ao promover a interação entre os integrantes do grupo. Há várias formas para dar essa movimentada na página, como a criação de enquetes, o estímulo à construção dos próprios relatos, o repasse de informações e o esclarecimento de dúvidas.

A internet possui papel de destaque entre as demais mídias, tanto em função das inúmeras possibilidades que permite quanto por tornar possível que o usuário não seja apenas um receptor passivo da informação e, sim, interaja ativamente com ela, muitas vezes a produzindo. (SENA, 2016, P. 47).

Os administradores do grupo Cirandeiros no Facebook precisam, com urgência, dar uma atenção maior aos comentários, visto que encontramos alguns comentários sem respostas. Essa ausência de “feedback” gera uma má impressão ao grupo e pode até desencorajar outros integrantes a comentarem.

Apesar dessa falha, podemos afirmar que o grupo Cirandeiros atinge o objetivo, pois ele existe além do virtual. Os encontros presenciais realizados aprofundam as discussões da página. Aqueles que comparecem, debatem sobre algum tema, que foi apresentado no Facebook, relacionado à maternidade. Compartilham histórias, encorajam umas as outras a cobrarem os direitos que possuem durante a gestação e para o parto; e incentivam as mães e os pais de primeira viagem a viverem a experiência de ter um filho de fato como ela é: única, podendo ser diferente do que é mostrado nas novelas e comerciais.

Logo, é assim, compartilhando vivências, trocando saberes, que o grupo dissemina o parto humanizado e a maternidade ativa. A luta contra a violência obstétrica ganha força a cada post publicado, a cada roda de conversa realizada, pois o

conhecimento transforma. A partir dessa semente plantada, os cidadãos que vivem tal situação e dividem o mesmo sentimento, podem se organizar e mudar a realidade que vivenciam.

O Cirandeiros está no caminho certo e pode ir ainda mais longe. Que outros grupos de enfrentamento à violência sejam criados e saibam usufruir das tecnologias que temos hoje. Almejamos aprofundar os estudos para orientar movimentos sociais nesse sentido: se tornar redes sociais dentro e fora da web.

Referências

AMANTE, Lúcia. **Facebook e novas sociabilidades**: contributos da investigação. Campina Grande, 2014.

BERGER, Sônia Maria Dantas; GIFFIN, Karen. **A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual?** Rio de Janeiro, 2005.

BARROS, Octávia Cristina; JÚNIOR, Octavio Domont de Serpa. **Ouvir vozes**: um estudo netnográfico de ambientes virtuais para ajuda mútua. *Physis: Revista de Saúde Coletiva. On-line version* ISSN 1809-4481. *Physis* vol.27 no.4 Rio de Janeiro Oct./Dec. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312017000400867&lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2018.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. **Lei nº 11.108**, de 7 de abril de 2005. Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111108.htm>. Acesso em: 20 nov 2017.

CUSTÓDIO, Mônica. **Conheça as 10 redes sociais mais usadas no Brasil**. Blog de Marketing Digital de resultados. Santa Catarina, 2017. Disponível em: <<https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas/>>. Acesso em 26 maio 2018.

FERREIRA, Giovandro Marcus; TERSO, Tâmara Caroline Almeida. **Posicionamento discursivo, violência e cidadania: a construção do "caso new hit" no portal de notícias g1 bahia**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano. Artigos Dossiê Comunicação e Cidadania. Número 5. Dezembro, 2014.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre, 2009.

LIMA, Maria Torres Costa. **O estupro enquanto crime de gênero e suas implicações na prática jurídica**. Campina Grande, 2012.

MACHADO, Flora Barcellos de Valls. **Gênero, violência e estupro: definições e consequências.** Porto Alegre, 2013.

MOREIRA, José Antônio Moreira; JANUÁRIO, Susana. **Redes sociais e educação: reflexões acerca do Facebook enquanto espaço de aprendizagem.** Campina Grande, 2014.

NERY, Inez Sampaio; VASCONCELOS, Tatianne Bandeira de; **Políticas públicas de enfrentamento à violência de gênero.** Piauí. 2012.

RECUERO, Raquel; **Curtir, compartilhar, comentar:** trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. Rio Grande do Sul. 2014.

RODRIGUEZ, Maria de Jesus Hernández. **Representações sociais de mulheres acerca da violência obstétrica institucional do trabalho de parto e parto.** Florianópolis, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero.** São Paulo. Agosto, 2001.

SALGADO, Heloisa de Oliveira. **A experiência da cesárea indesejada:** perspectivas das mulheres sobre decisões e suas implicações no parto e nascimento. São Paulo, 2012.

SANTINELLO, Jamile; VERSUTI, Andrea. **Facebook:** Conectividade e Reflexões da rede social para o contexto social do século XXI. Campina Grande. 2014.

SENA, Lígia Moreiras. **Ameaçada e sem voz, como num campo de concentração:** a medicalização do parto como porta e palco para a violência obstétrica. Florianópolis, 2016.

SULZ, Paulino. **O guia completo de redes sociais:** saiba tudo sobre o assunto! Marketing de conteúdo. 2017. Disponível em: <<https://marketingdeconteudo.com/tudo-sobre-redes-sociais/>>. Acesso em 26 maio 18.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil para análise histórica. TRADUÇÃO: Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Sexo e a política da história. Nova York, Columbia University Press. 1989.

Links utilizados

Comentário de integrante do grupo. **Facebook.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/444023882383349/>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

Comentários de integrantes do grupo. **Facebook.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/444023882383349/>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

Grupo Cirandeiras. **Facebook**. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/groups/444023882383349/>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

MOLDE. In: **Dicionário Michaelis**. Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/>>.
Acesso em 10 mar 18.

Notícia sobre divulgação de fotos de parto. **Facebook**. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/groups/444023882383349/>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

PADRÃO. In: **Dicionário Michaelis**. Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/>>.
Acesso em 10 mar 18.

Post relatando maternidade real. **Facebook**. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/groups/444023882383349/>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

Post sobre sensação térmica. **Facebook**. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/groups/444023882383349/>>. Acesso em: 19 jul. 2018.